

## **AIDS, DROGAS, VIOLÊNCIA E PREVENÇÃO: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PROFESSORES DO ENSINO MÉDIO**

PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza<sup>1</sup> – PUC-SP – veraplacco@pucsp.br.

GT: Psicologia da Educação / n.20

Agência Financiadora: FAPESP

Com o aumento do número de casos de violência, uso abusivo de drogas e de pessoas portadoras do vírus HIV, no interior das escolas, tem ficado clara a necessidade de que os professores tenham subsídios para lidar com essas demandas, face à não formação e desinformação acerca desses assuntos.

Assim, ampliar o conhecimento científico acerca dessas temáticas torna-se imprescindível, como possibilidade de contribuir para a formação / informação de professores para desenvolverem suas ações, na direção do enfrentamento e superação desses fenômenos, no âmbito escolar; e a Psicologia da Educação, ao pensar aspectos da formação de professores, impõe-se o desafio de produzir conhecimentos no âmbito dessas temáticas, em especial a prevenção.

### **OBJETIVO DA PESQUISA**

O grupo de pesquisa se propôs conhecer as representações sociais de professores do Ensino Médio da rede pública do Estado de São Paulo, sobre AIDS, Drogas, Violência e Prevenção, a fim de que esse estudo possa subsidiar ações de formação, no âmbito educacional, na direção da construção de intervenções preventivas adequadas à realidade institucional pesquisada e outras instituições.

Este grupo vem realizando as diversas etapas da pesquisa, desde 1996, em relação a alunos e, desde 2003, sob financiamento da FAPESP, em relação a professores.. Assim, após realizar uma primeira etapa, identificando as representações sociais de alunos de 10 a 15 anos, quanto às suas expectativas de vida futura, considerando os problemas da sociedade atual, como violência, drogas e AIDS, a pesquisa atual tem uma preocupação com as representações sociais de professores de Ensino Médio sobre AIDS, drogas, violência e prevenção, tendo em vista sua formação para a educação preventiva.

---

<sup>1</sup> Participantes do grupo de pesquisa: Eni F. Martins (UNESP/Bauru); Fernando F. Tavares-de-Lima (NETPSI); Marcelo Sodelli (NETPSI); Maria Delourdes Maciel (UNICSUL); Nilma R. Silva (UNESP/Bauru); Rosangela A. C. Moura (doutoranda PUC/SP); Tânia R.B.P. Morgado (Col. Batista); Vivian S. Lobato (doutoranda PUC/SP).

## REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

As *Representações Sociais*, segundo Moscovici (1978), são uma modalidade de conhecimento particular, cuja função é elaborar o comportamento e a comunicação entre indivíduos. Partindo do pressuposto que o indivíduo se constrói na relação com o outro e com a sua sociedade, o processo de construção das suas *Representações Sociais* se dá nessas relações.

Werba & Oliveira (1998) discutem que as Representações Sociais são elaboradas no coletivo, possibilitando construir e interpretar o real e gerando, nesse processo, modificações nos indivíduos e no meio social a que pertence.

Moscovici (1981) refere-se as Representações Sociais como um

(...) conjunto de conceitos, proposição e explicações, originado na vida cotidiana, no curso de comunicações interpessoais. Elas são o equivalente, em nossa sociedade, aos mitos e sistemas de crenças da sociedade tradicionais; (...) senso comum.”(p.181).

Compreender as *Representações Sociais* de professores implica conhecer as informações que possibilitam, por meio da sociedade, da comunidade, da profissão, da família, da escola, da religião, da mídia, da comunidade e da sociedade, identificar o campo em que essas representações se inserem e as atitudes que orientam suas ações em relação ao objeto dessas representações. (Moscovici, 1978, p.69)

As informações possibilitam a formação dos valores, atitudes e comportamentos. Faz-se necessário avaliar o teor das informações recebidas, uma vez que, quando se trata de temática como a AIDS, Drogas e Violência, informações equivocadas ou distorcidas geram valores que estarão na base de atitudes e/ ou ações violentas inaceitáveis ou mesmo inadequadas para uma vida social mais solidária.

Nesse sentido, Jodelet (1989), nos lembra que as representações sociais servem de guia para as ações dos sujeitos em seus relacionamentos com o mundo e com os outros. De acordo com a autora, elas se constituem nos processos de objetivação e ancoragem.

Na objetivação, busca-se organizar e dar forma ao conhecimento, isto é, "concretizar", esse conhecimento, atribuindo formas claras, delimitadas, facilitadoras da *materialização* ou da *visualização* do novo conceito. “A imagem deixa de ser signo e passa a ser uma cópia da realidade” (Werba & Oliveira, 1988, p.109). Esses elementos

identificadores são selecionados e agrupados com a mediação de crenças, valores, preconceitos etc., vividos em determinado grupo social.

Na ancoragem, atribui-se significação e características de utilidade do objeto, de modo que ocorra sua integração cognitiva em um sistema de pensamento preexistente, enraizando-o ali, por meio da memória. A ancoragem dá um valor funcional ao objeto, instrumentalizando esse novo saber, mediando a relação indivíduo e mundo, implicando em uma dimensão valorativa.

Assim, neste processo, ocorrem dois fenômenos: a incorporação social da novidade, modificando as visões preexistentes, e a familiarização do estranho, classificando, explicando, e transformando o objeto novo em familiar. Esse processo tem uma lógica própria, em relação direta com o momento histórico e a formação ou conformação daquele grupo cultural.

É neste sentido que a *Teoria das Representações Sociais* nos auxilia na descrição e demonstração de uma realidade, que, ainda que desconhecida, possui grande poder mobilizador e explicativo. Portanto, nos auxilia a compreender e identificar a motivação das pessoas, ao fazerem determinadas escolhas. Abrange também outros conceitos, tais como: atitudes, opiniões, imagens, ramos do conhecimento.

A teoria das *Representações sociais*, portanto, oferece elementos para a compreensão dos professores, em suas relações com o aluno, com o outro, e com a sociedade, em dado momento histórico e em seu processo próprio de construção da realidade. E esta compreensão será o ponto de partida para a discussão da formação de professores que sejam, em suas salas de aula, formadores / desconstrutores / reconstrutores de *representações sociais*, aliadas à prevenção de atitudes e comportamentos dos alunos, em relação a questões tão graves quanto AIDS, drogas e violência.

## **PROCEDIMENTOS**

A pesquisa apresentada no presente trabalho foi desenvolvida em uma escola estadual da cidade de São Paulo.

Foram utilizados os instrumentos de coleta de dados: questionário e grupo focal, sendo levantado dados, sobre a realidade sócio demográfica (unidade escolar estudada e participantes da pesquisa) e as representações sociais sobre AIDS, Drogas, Violência e Prevenção.

As informações obtidas no grupo focal foram gravadas em fitas cassetes, posteriormente transcritas e submetidas à análise de seu conteúdo. Análise qualitativa foi realizada conforme proposto por SPINK (1999), que sugere várias leituras das transcrições pelos pesquisadores e discussões acerca do material, elaborando categorias e subcategorias.

Os participantes da pesquisa (11 - apenas um do sexo masculino), em dois grupos focais, foram convidados e participaram por vontade própria.

## **ANÁLISE**

A escola estudada é satisfatoriamente equipada para desenvolver as atividades pedagógicas e educacionais, tanto em relação ao espaço físico, como em relação aos equipamentos existentes. Dispõe de biblioteca, laboratório de informática, sala de multimídia com televisões e vídeos, rádios - CDs. Conta também com quadras esportivas, auditório, e salas de aulas com cortinas e ventiladores.

A escola funciona nos períodos da manhã, tarde e noite, atendendo aproximadamente 1870 alunos, na faixa etária dos 15 aos 18 anos, sendo 40% oriundos da classe média e 60% são alunos trabalhadores.

A equipe docente e não docente é composta por 70 professores, uma diretora e duas vice-diretoras e duas coordenadoras. O clima institucional observado durante a coleta de dados nos indicou dinamicidade e envolvimento em relação às tarefas educacionais.

Os sujeitos têm entre 42 e 57 anos de idade; 50% são solteiros e 50%, casados; na maioria, de religião católica, residentes nas imediações da escola, estando na profissão há bastante tempo (entre 20 e 28 anos).

A formação inicial da maioria dos participantes foi em instituições privadas. Investem pouco em formação continuada e poucos são sindicalizados. Têm acesso à informação por jornais diários, telejornais e revistas.

A caracterização dos sujeitos da pesquisa corrobora dados da literatura, que indicam que o professor apresenta dificuldade em discutir e refletir acerca desses e outros temas de emergência social, por questões complexas que envolvem desde a formação inicial, que não contempla disciplinas que abordem a prevenção às DSTS/AIDs, ao abuso de drogas e à violência, o baixo salário, o pouco investimento em formação continuada e a mídia como principal acesso à informação.

Os principais dados são apresentados e discutidos a seguir.

- **DROGAS:**

Os professores apontam a escola como um local possível para se desenvolver o trabalho preventivo ao uso de drogas, sendo que a função preventiva da escola seria, em última instância, trabalhar no sentido de conscientizar os jovens para o **não** uso de drogas. Podemos perceber, nessa compreensão, que a prevenção ao uso de drogas deve ser trabalhada para que o jovem não tenha qualquer tipo de contato com as drogas, ou seja, o objetivo principal da prevenção seria promover a abstinência total ao uso de psicoativos. Nesse sentido, a escola deveria informar os alunos sobre os malefícios do uso de drogas, discutindo os problemas biológicos decorrentes deste consumo e suas danosas conseqüências no corpo humano. Para alcançar esse objetivo, o trabalho preventivo não poderia ser feito por qualquer professor, pois a maioria dos educadores não tem domínio da área de ciência ou biologia. Então, o trabalho deveria ser realizado, prioritariamente, por professores especialistas, ou seja, os professores de Biologia ou Ciências, por serem esses, na representação dos participantes, os que estariam mais próximos da área de drogas, sendo assim os mais indicados para o trabalho.

Em suma, essas representações se referem: à prevenção ao uso de droga compreendida como abstinência total e à idéia do professor especialista como o único capaz de lidar com essa prevenção.

Na base do argumento do “professor especialista”, o grupo pesquisado apresenta certa confusão sobre o conceito de prevenção e o de tratamento ao dependente. Assim, os conceitos relacionados aos diferentes padrões de uso de drogas não são claros para os professores. Há falta de clareza na distinção entre o uso e o uso “nocivo” ou de “risco” de uma substância psicoativa, mostrando representações contraditórias em relação a esse uso.

Esta contradição de representações aponta a razão pela qual acreditam que o professor especialista virá a resolver os casos de uso de drogas na escola, pois os educadores não se sentem preparados para “tratar” de dependentes de drogas e, muito menos, percebem essa função como pertencente à área da Educação. Assim, a maneira encontrada para se defender dessa impossibilidade de atuação seria delegar a responsabilidade do trabalho de prevenção para o outro educador - “o especialista”. Este, sim, estaria mais próximo da área médica, suposta detentora dos meios de trabalho e do conhecimento específico para a questão.

Evidentemente, não é função do professor “tratar” do dependente, essa é uma atividade da área da saúde e não da educação (Cavallari, 2000). Mas, essa representação social está limitando e restringindo a atuação preventiva do educador, contribuindo para que ele entenda a prevenção como uma função não pertencente à educação.

Outro fator fundamental está na base da compreensão do professor sobre a prevenção às drogas na escola: o “sentimento” despertado com o tema. Na maioria dos professores deste grupo, os sentimentos manifestos são negativos: impotência, tristeza, humilhação, pena, perplexidade, medo e rejeição. Podemos avaliar que esses sentimentos negativos provocam medo e distanciamento da função preventiva, impedindo que ele se comprometa com esse trabalho. Assim, os projetos de educação preventiva continuarão a apresentar dificuldades de desenvolvimento no âmbito escolar. A formação de professores para a tarefa preventiva deveria envolver o ressignificar, redimensionar e respeitar os sentimentos, diminuindo o medo, o preconceito a respeito das drogas e a vulnerabilidade docente.

Em relação ao conhecimento específico sobre a temática drogas, o grupo de professores pesquisados apresentou algumas representações muito comuns na sociedade, mas que não correspondem a conceitos corretos do ponto de vista científico. Neste grupo, esses conhecimentos são significativamente influenciados por dois aspectos: a experiência pessoal dos professores com a questão das drogas e o modo como a grande mídia trata o tema.

Durante toda a discussão do grupo focal, os professores se posicionavam em relação ao tema proposto se baseando nas suas experiências pessoais. Casos individuais eram generalizados e apresentados como exemplos para explicar uma posição defendida.

Baseados em preconceitos e experiências pessoais, é natural que os professores busquem as razões que fazem com que as pessoas se iniciem no uso de drogas. Diversas representações sociais foram manifestas, como: a influência do meio social sobre o comportamento das pessoas, as tendências genéticas para o uso de drogas e curiosidade dos adolescentes.

Há uma tendência a generalizações, pois a maioria acredita que, uma vez experimentada a droga, o caminho para a dependência é aberto e não há outra saída para a questão. Trata-se de uma crença equivocada na noção de escalada e de irreversibilidade do quadro. (Bloom, 1996).

Quanto às drogas lícitas, quase sempre os professores afirmaram haver convivência em relação à legalização de substâncias que são danosas ao indivíduo e à sociedade. Esta discussão levou a posicionamento favoráveis e desfavoráveis à legalização total das drogas, sem que se chegasse a qualquer conclusão consensual.

Parece claro que os professores do grupo focal não têm amplo conhecimento sobre as alternativas existentes no país para trabalhos de prevenção. Pareceu-nos, também, que os professores não se sentiam aptos a aplicar projetos preventivos de médio e longo prazo em suas escolas. Sabe-se que as palestras e os projetos de curta duração são impactantes, mas não possibilitam a mudança de comportamento de risco, avaliando-se os critérios de vulnerabilidade e de redução de danos.

- **AIDS:**

Nos dados dos grupos focais de HIV/AIDS, foram identificados quatro categorias: *conhecimentos sobre HIV/AIDS e seu tratamento; sentimentos; atitudes de enfrentamento e representações do papel do educador.*

Os três aspectos que mais nos chamaram a atenção foram a falta de conhecimento específico sobre o tema AIDS, as atitudes de enfrentamento em relação ao tema e os sentimentos negativos em relação ao HIV/AIDS.

Em relação à categoria *conhecimentos sobre HIV/AIDS e seu tratamento*, identificou-se certa carência de dados científicos mais atuais sobre o andamento das pesquisas relacionadas à AIDS. Os professores possuem informações sobre prevenção, formas de tratamento e finalidade do uso dos diferentes medicamentos utilizados pelo aidético, muito mais relacionadas ao âmbito do senso comum do que conhecimentos científicos. A falta de acesso dos professores a materiais científicos poderia ser uma explicação dessa falta de conhecimentos, mas não se pode descartar a influência das representações vigentes quanto ao tema.

Constatou-se que a grande mídia continua sendo uma das principais formas de informação e formação dos alunos e dos próprios educadores, já que o acesso à comunicação científica não é estimulado fora das Universidades e até mesmo nessas.

Alguns professores consideram o tema HIV/AIDS um tanto complexo e amedrontador. Outros dizem que o tema parece estar ultrapassado, pois já não é tão focado pela mídia; que há outras doenças mais mortais, o que nos leva a acreditar numa incorporação do tema ao cotidiano das pessoas, fazendo com que percam o interesse pelas informações.

Percebe-se, também, que parece não haver, por parte dos professores, a consciência explícita de que qualquer pessoa, independente da idade, seja ele jovem ou adulto, pode estar vulnerável, em maior ou menor grau, à contaminação pelo vírus HIV.

Persiste no imaginário dos participantes a idéia de que mulheres casadas, ou com parceiros fixos, bem como a maioria dos jovens, não pertencem ao chamado “grupo de risco”. Em razão disso, não usam camisinha, nem se sentem “ameaçados” pela doença, apesar de a história ter provado que o conceito de “grupo de risco” foi um grande equívoco no trabalho preventivo.

Nas questões ligadas a *sentimentos*, observa-se que os professores possuem diversas representações. A grande maioria ressalta os sentimentos de impotência e de medo por não saber como enfrentar a doença, a sociedade e o despreparo em falar sobre este tema em sala de aula e com o parceiro; outros têm medo da morte e das seqüelas sociais na família.

As posturas dos professores ligadas às *atitudes de enfrentamento* foram classificadas em dois tipos: pessoal e profissional. Pessoalmente, os professores sentem-se despreparados para falar sobre o tema em sala de aula. Profissionalmente, sentem-se também impotentes quanto ao enfrentamento de situações que exigem a articulação entre os professores para um trabalho coletivo.

Em relação às *representações do papel do educador*, consideramos que algumas falas dos professores demonstram que estes estão preocupados com a situação de seus alunos e que gostariam de estar preparados para focar assuntos referentes à formação do jovem e do adolescente. No entanto, é mais marcante a representação hegemônica de que a prevenção é tarefa da “escola” e dos pais, isto é, há consenso entre os professores em ser a escola um local onde possam ser desenvolvidos trabalhos preventivos. Mas, estes parecem estar relacionados à escola como uma entidade com identidade própria, na qual o professor atua apenas como transmissor de conhecimentos cientificamente elaborados, sendo de responsabilidade dos especialistas, e não dos educadores, os assuntos ligados à dimensão humana.

Como forma de enfrentamento da questão da prevenção, o professor aponta o diálogo. Porém, para os assuntos referentes à educação sexual, parece que este acredita mais na informação que os jovens recebem em sua família, do que em um processo sistematizado, baseado em pressupostos científicos, que poderiam garantir um conhecimento mais preciso para gerar atitudes preventivas. No entanto, os professores são cientes que há a falta de diálogo entre pais e filhos e que os professores são muitas



vezes solicitados, pelos alunos, a serem mediadores junto aos pais para resolução de problemas enfrentados por eles, principalmente no que diz respeito à gravidez indesejada.

Os professores se posicionaram em relação ao HIV/AIDS se baseando nas suas experiências pessoais e em casos individuais, generalizados e apresentados como exemplos para explicar um conceito defendido.

A análise das representações dos professores sobre a questão da prevenção ao HIV/AIDS parece deixar evidente que, para que os professores desenvolvam atitudes preventivas, é necessário que os mesmos possam construir uma proposta de educação preventiva, juntamente com a comunidade escolar. Sabemos que uma educação preventiva vai além da transmissão de informações técnico-científicas; que informações isoladas não produzem mudanças de valores, atitudes ou comportamentos. Logo, para que possam construir esta proposta, deveria haver um projeto de formação docente que os preparasse para esse tipo de trabalho.

Acreditamos que a reflexão ensejada pela pesquisa, apoiada na Teoria das Representações Sociais, possa nos remeter a pesquisas sobre ações efetivas dos professores que participaram deste grupo focal, em direção à prevenção ou enfrentamento da AIDS no espaço escolar. Evidencia-se, na fala dos docentes, a necessidade de trabalhos contínuos de formação de professores.

#### • VIOLÊNCIA:

Para os professores participantes, os tipos de violência que ocorrem na escola são: física; verbal; ofensa, desobediência e desacato ao professor; atitudes de discriminação; ameaças; violência simbólica; baixos salários e más condições de trabalho; exigências da legislação, em especial do ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente).

O que os professores entendem por cada tipo descrito é bastante restrito, orientado pela realidade cotidiana. Não trazem uma discussão do conceito, mas revelam as representações sociais a eles associadas. A literatura consultada também nos apresentou apenas os diferentes tipos de violência na escola. Nesse sentido, fica clara a complexidade da temática, desde seu conceito e seus determinante histórico-sociais. Essa compreensão é fundamental tanto para que possamos mapear a realidade do fenômeno, como compreender que o mesmo não se restringe ao cotidiano escolar.

Alem da definição dos tipos de violência nas escolas, os professores falam sobre **os perpetradores, as vítimas, causas e conseqüências da violência**. Os professores apontam, como vítimas e perpetradores da violência, os alunos e eles próprios, professores. No entanto, os alunos são mais enfatizados – não só como vítimas, mas também como perpetradores. A violência que se expressa pela estrutura institucional social não é mencionada.

Quando os professores tratam das causas e conseqüências da violência na escola, abordam as implicações para as suas vidas: problemas de saúde e abandono da escola pública como local de trabalho. No entanto, não abordam as conseqüências da violência para a prática pedagógica, tampouco as conseqüências para a construção da subjetividade dos alunos.

Quando analisam as causas da violência (pó exemplo: a violência é inata do ser humano; adquirida no meio social; própria do adolescente; tem origem nas famílias; na mídia; no contexto social; no aspecto cultural; é decorrente do estatuto da criança e do adolescente – ECA.), é possível perceber que a representação social dos professores se restringe às explicações centradas nos indivíduos, nas suas famílias, no sistema educacional e no contexto social em que vivem os indivíduos que têm atitudes violentas.

Os principais sentimentos apontados pelos professores em relação à violência são o medo, o pavor e frustração, mas podemos identificar que, mesmo assim, realizam ações de prevenção à violência nas escolas.

Para Heller (1979), o medo está presente na espécie humana em geral, mas o estímulo para esse sentimento é dado socialmente, sendo sua formação resultado de duas fontes: a) experiência pessoal; b) o contato com a comunicação da experiência social. No caso da violência, essa comunicação é tão expressiva que os professores sentem-se apavorados somente de receber a comunicação da existência dela. Por exemplo, na presente pesquisa, muitos professores não experienciaram situações de violência nas escolas em que lecionam, mas têm representações muito nítidas do perigo que representa e, portanto, sentem medo.

No que se refere às formas de enfrentamento da violência na escola, os professores dizem realizar: atividades didáticas com o objetivo de usar o conteúdo da mídia para análise; atividade didática realizada em equipe, em que alunos cooperam uns com os outros. No entanto, também revelam o não enfrentamento – os professores se esquivam ou pensam que não é papel deles; delegam a tarefa para outros profissionais; reconhecendo seu despreparo – e da escola – para enfrentar a violência.

Um dos aspectos mais ressaltados pelos professores é essa falta de preparo para atuar frente ao fenômeno: ao questionar-se se sabem como enfrentar a violência em sua prática pedagógica, apontam a necessidade de formação para discutir a violência na escola. É consenso entre professores e pesquisadores da área da educação que a formação de professores deve ser repensada, de modo que os professores possam ter subsídio para enfrentar o novo momento social, concordando com Gatti (2000) e Placco (2002), que enfatizam que o reordenamento do espaço profissional e de trabalho do professor e a redefinição das profissões criam, para o professor, novas exigências e, para as instituições educacionais, um novo desenho de organização social e política.

- **PREVENÇÃO:**

Quando indagamos aos professores sobre prevenção, sem especificar – prevenção a quê – notamos que a prevenção às DSTS/AIDS e às drogas, embora com conotações bastante diferentes, aparecem espontaneamente em suas falas, ao contrário da prevenção à violência.

Em relação à prevenção das DSTS/AIDS, os professores se sentem confiantes e qualificam positivamente as atividades desenvolvidas por eles para prevenção das DSTS/AIDS, as quais predominam no universo de trabalhos relatados. Os professores programam aulas, seminários e atividades diversas para tratar desses temas e avaliam o trabalho desenvolvido por eles de qualidade superior em comparação a trabalhos de palestrantes externos.

Consideram que, para esse trabalho, contam com a base de conhecimento advinda da disciplina que ministram, especificamente a biologia, fundamentando a idéia de que a bagagem de conhecimento específico e o domínio de conteúdo na área são indispensáveis. Avaliam que essa ação preventiva traz como resultado uma rica troca entre o professor e o grupo de alunos, favorece a troca entre eles, promovendo cumplicidade e a aproximação de todos.

Ao tratarem da prevenção ao uso nocivo de drogas, ao contrário, percebem-se despreparados, sem conhecimento suficiente e sem orientação, além de acharem este tipo de trabalho bastante complicado.

Consideram que o preparo necessário abrange os aspectos teóricos e também os aspectos práticos que envolvem o como lidar com a situação.

Demonstram receio de abalar a relação de confiança com os alunos, caso façam referência a alguma informação equivocada, por isso consideram importante a formação teórica.

A preocupação dos professores é que este trabalho seja realizado, mas indagam sobre qual a melhor maneira de se fazer isto, pois percebem que somente a informação não é suficiente para prevenir o abuso de drogas, sendo necessária a sensibilização do aluno. Ressaltam que o acesso à informação não garante que o aluno desenvolva atitudes saudáveis, levando-se em conta que, na adolescência, há uma tendência a atitudes de rebeldia, de desafio e impulsividade.

Consideram que o trabalho de prevenção deve ser programado e dirigido e *não somente ocorrer de forma intuitiva, como vêm realizando*. Em vários momentos, questionam se a atitude informal e intuitiva das conversas a esse respeito, com os alunos, seria o melhor caminho.

Em alguns momentos, parece que os docentes confundem um trabalho de prevenção a drogas com ações de tratamento, revelando suas representações sobre seu próprio trabalho como professor – aquele que lida com o conhecimento específico da área.

Embora considerem o trabalho de prevenção importante e necessário, conforme apontado acima, os professores manifestam alguns questionamentos relativos à atual tendência da sociedade, em esperar que a educação possa sanar todos os problemas sociais. Questionam o papel da família, da instituição “escola”, pois se sentem sobrecarregados.

Consideram que a família é muito importante no trabalho de prevenção, podendo ser o fator de apoio, ou se manter omissa, facilitando ou dificultando, assim, o desenvolvimento de um trabalho cooperativo. Lembrando Freire (1996): “Não se pode ser sem rebeldia. A tarefa dos pais e educadores é ajudar o adolescente a encontrar um sentido produtivo e criador para a sua rebeldia”. Por essas razões, consideram fundamental, em um trabalho de prevenção na escola, que haja envolvimento da família, por meio de orientação e troca de informações.

Em relação à violência, não houve nenhuma manifestação espontânea que a ligasse a ações de prevenção.

## **ALGUMAS CONCLUSÕES**

Alguns pontos nos chamaram atenção e consideramos relevantes como contribuição para a formação de professores, de modo que estes possam conduzir, de modo efetivo, as ações preventivas no âmbito escolar.

Considerando que as temáticas sociais foram introduzidas e legitimadas no âmbito da Educação, recentemente, pelos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (1997), como fenômenos a serem explorados, é bastante razoável supor que há um “novo” impactando os professores, principalmente em relação aos temas considerados por eles mais alheio ao seu domínio de conhecimento, tais como a prevenção ao uso nocivo de drogas e a violência.

Nesta pesquisa, buscamos estabelecer relações entre a manifestação dos professores sobre prevenção e sua prática pedagógica atual, procurando situar não somente as lacunas e equívocos que seguramente emergem do trabalho com essas temáticas e que são indicadores da necessidade de formação, mas também compreender esses dados a partir dos processos de aprendizagem nos quais se dá a apropriação do “novo” pelo ser humano.

Esses posicionamentos nos levaram a pensar sobre o processo de apropriação da prevenção por esses professores. Para Jodelet (1989), não há apropriação imediata do novo. Há, a partir do impacto, atribuição de sentidos que se traduzem em um movimento de reconstrução, em que este novo torna-se significativo e familiar pelas articulações a outros tantos objetos de relação do sujeito.

Dentro dessa ótica, observamos, em diversas falas, tentativas explícitas de articulação de relações significativas de sua prática docente e o “novo”, representado pelo trabalho de prevenção, sobretudo em relação às DSTS/AIDS, tema em relação ao qual os professores se mostram mais seguros em abordar com os alunos.

A formação do professor para prevenção tem sido realizada por iniciativa dos sistemas de ensino, por meio de especialistas, em caráter de capacitação, o que tem ajudado a consolidar a idéia de que essa tarefa não pertence aos professores, não faz parte do seu treinamento como profissional.

É importante salientar que, para que a prevenção possa ser compreendida como tarefa educativa, é necessário que esteja incluída como área de preocupação dos processos de formação inicial e continuada dos professores e, portanto, tenha sido discutida amplamente no âmbito dos formadores.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

Aquino, J. G.. *Do Cotidiano Escolar*. São Paulo: Summus, 2000.

- Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos temas transversais*. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- Cavallari, D. C. Redução de Danos, um modelo de prevenção aplicável em escolas. In: Pinto, T.; Telles, I. S. (Orgs.). *AIDS e escola: reflexões e propostas do EDUCAIDS*. (pp.95-101). São Paulo: Cortez; Pernambuco: UNICEF, 2000.
- Cotrim, B. H. R. S. C. *A Escola e as Drogas: Realidade Brasileira e Contexto Internacional*. Tese de doutorado. Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 1992.
- \_\_\_\_\_. Drogas na escola: prevenção, tolerância, e pluralidade. In: Aquino, J. G. (Org.) *Drogas na Escola: alternativas e práticas*. pp. 19-30. São Paulo: Summus, 1998.
- Freire, P. Adolescência, violência e a família na cultura atual – Técnicas de trabalho grupal e familiar. In: Levisky, D. L. (Org.). *Adolescência e Violência: ações comunitárias na prevenção*. pp.226-244. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.
- Gatti, B. *Formação de Professores – problema e movimentos de renovação*. Coleção Formação de Professores), (2a ed.).Campinas: Editora Autores Associados, 2000.
- Heller, A. *Sociologia de la vida cotidiana*. Budapeste: Ediciones Península, 1929.
- Jodelet, D. (Org.). *AIDS e Representações Sociais*. Natal: EDUFRN, 1998.
- Jodelet, D. Représentation Sociale. In: *Grand Dictionnaire de la Psychologie (Larousse)*. Paris, Ed. Larousse, 1991.
- Leontiev, A.. *Actividad Conciencia Personalidad*. Editora Pueblo Educacion, Cuba, 1983.
- Maciel, M.D. *Autoformação docente: limites e possibilidades*. Tese de doutorado. Programa de Estudos Pós-graduados em Educação: Psicologia da Educação. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2001.
- Madeira, M.C. A Re(construção) da teoria na prática do professor: sentidos de aprendizagem. *Psicologia da Educação: Revista do Programa de Estudos pós-graduados em Psicologia da Educação/PUC-SP*, 14/15, 207-222, 2002.
- Martin, D. *Mulheres e AIDS: uma abordagem antropológica*. Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo. São Paulo, 1995.
- Martins, E.de F. *Violência na escola: concepções e atuação de professores*. Dissertação de mestrado. Programa de Estudos Pós-graduados em Educação: Psicologia da Educação. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2005.
- Moscovici, S. *Representações Sociais da Psicanálise, sua imagem e seu público*. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1978.

- Moura, R. A. C. *O diálogo entre as políticas, as pesquisas acadêmicas e a práxis de prevenção ao indevido de drogas nas escolas*. Dissertação de mestrado. Programa de Estudos Pós-graduados em Educação: Psicologia da Educação. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2004.
- Placco, V. M. N. S., Tavares de Lima, F. F., Viotto Filho, I.A., Rodrigues, L.A., Orsolon, L., A. M., Sodelli, M., Benachio, M.N., et al., Representações Sociais de jovens sobre violência e a urgência na formação de professores. *Revista do Programa de Estudos Pós- Graduados em Psicologia da Educação*. 14/15, 347-367, 2002.
- Pozzobon, E.. Comportamento de risco. NESSA (Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente). *Megazine, O Globo*, p.10, 2005, 12 de agosto.
- Reinert, M. Un logiciel d'analyse lexicale (ALCESTE). Paris, *Les Cahiers de l' Analyse des Données*, vol XI, 1986, nº 4, p. 471-484, 1986.
- Reinert, M. ALCESTE: une méthodologie d'analyse des données Textueles et une application: Aurelia de Gerard de Nerval. *Bulletin de Méthodologie Sociologique*, March 1990, n.26, p. 24-54, 1990.
- Secretaria da Educação do Estado de São Paulo – Fundação para o Desenvolvimento da Educação – FDE. *Apoio ao Trabalho Preventivo na Escola e na Comunidade*. São Paulo: Spel Gráfica e Editora Ltda, 2002.
- Silva, N.R. da. *Relações sociais para superação da violência no Cotidiano escolar e processos formativos de professores*. Tese de doutorado. Programa de Estudos Pós-graduados em Educação: Psicologia da Educação. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2006.
- Sodelli, M. *Aproximando Sentidos: Formação de Professores, Educação, Drogas e Ações redutoras de Vulnerabilidade*. Tese de doutorado. Programa de Estudos Pós-graduados em Educação: Psicologia da Educação. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2006.
- Sodelli, M. *Escola e AIDS; um olhar para o sentido do trabalho do professor na prevenção à AIDS*. Dissertação de Mestrado. Programa de Estudos Pós-graduados em Educação: Psicologia da Educação. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 1999.
- Spink, M. J. Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das Representações Sociais. In. Guareschi, P. A.& Jovchelovitch, S.( Orgs.). *Textos em Representações Sociais*. Petrópolis: Edit. Vozes, 1994.
- Tavares-De-Lima, F. F. *Prevenção ao uso de drogas: modelos utilizados na educação, suas relações e possibilidades quanto a atitudes preventivas*. Dissertação de Mestrado. Programa de Estudos Pós-graduados em Educação: Psicologia da Educação. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2003.

Werba, G. C. & OLIVEIRA, F. O. Representações Sociais. In. Strey, M. N. et al. *Psicologia Social Contemporânea*, pp.104-117i, Petrópolis: Vozes, 1998.